

MIRIAM ASSOR

JUDEUS ILUSTRES DE PORTUGAL

14 homens e mulheres que marcaram
a História do nosso país

Prefácio de
Miguel Esteves Cardoso

a esfera  dos livros

ÍNDICE

Prefácio – Os Judeus que somos e os que nos salvam	11
Introdução	13
1 – Isaac Aboab da Fonseca: «O rabino-poeta de Amesterdão»	17
2 – Moses Bensabat Amzalak: «O líder diligente»	33
3 – Sam Levy: «O homem de concordâncias»	49
4 – Isaac Cardoso: «O médico português do rei espanhol»	65
5 – Samuel Sequerra e Joel Sequerra: «Os corajosos irmãos gémeos»	79
6 – Garcia de Orta: «O fascinante percurso do naturismo»	95
7 – Amato Lusitano: «O amado doutor lusitano»	109
8 – Dona Grácia Naci: «A grande senhora»	125
9 – Alain Oulman: «O compositor de afectos»	139
10 – Pedro Nunes: «O maior matemático do Mundo»	155
11 – Alfredo Bensaúde e Matilde Bensaúde: «A ciência entre gerações»	171
12 – Rabino Abraham Assor: «Pai: Rabino Abraham Assor»	185
Notas	199
Bibliografia	217
Agradecimentos	223

PREFÁCIO

Os Judeus que somos e que nos salvam

O meu pai, como Cardoso e como judeu, sempre me ensinou que a desgraça de Portugal e dos portugueses não teria acontecido (e não existiria hoje) se os judeus não tivessem sido expulsos, pseudoconvertidos à força ou assassinados, pelos fogos pré-nazis da Inquisição, por terem sido obrigados a fingir que eram cristãos-novos.

Este livro de Miriam Assor fez-me chorar e gritar de alegria muitas vezes. Está tão bem investigado e é tão bem sentido, na pele e na pena, que não se consegue resistir. Resistir à verdade é mentir. E o livro dela, acima de tudo, é tudo menos mentiroso.

A verdade é que nós, portugueses, quer queiramos ou não (acho que a grande maioria quer), somos judeus ou meio-judeus. Somos judeus que não sabem o que são. Somos os sefarditas mais doces e distraídos. Temos, também, a sensibilidade parecida dos árabes, que estiveram cá mais séculos ainda do que os romanos.

O livro da querida Miriam, filha do rabino Assor, que retrata com o amor e a verdade de quem sabe que o pai é tão divertido como sábio, é uma lembrança amorosa das dívidas que nós temos. Este livro é um monumento de verdades, dívidas emocionais e de amor. A Miriam escreveu sobre a alma judia dos portugueses e nós, como portugueses, só temos de reconhecer, agradecer e abençoar a alegria, inteligência e tranquilidade do que nos ofereceu.

Abençoada sejas, Miriam Assor, tal como o teu pai que me recebeu.

Miguel Esteves Cardoso

INTRODUÇÃO

O contributo dos judeus portugueses para a História de Portugal não se resume a paginar a cronologia do país. Vasta e enorme, marcante e gloriosa, intensa e interveniente, a amplitude da prestação, justamente, alteado património, prossegue a influir e a inspirar o que construímos em Filosofia, em Cultura e em Ciência. A grande ciência e o grande pensamento de autores judaicos-portugueses têm sido, desde há muito, meritórios de análise de investigadores da casta de António Andrade, Herman Prins Salomon, Joaquim Mendes dos Remédios, Jorge Martins e Paulo Mendes Pinto. Pesquisas elaboradas nas últimas décadas fornecem fruto indubitável: a antiguidade de judeus em Portugal antecipa-se ao nascimento do reino cimentado por Afonso Henriques. Admite-se que os primeiros judeus, incluídos na diáspora coagida, ancoraram na Península Ibérica imediatamente após Nabucodonosor ter ocupado Jerusalém e devastado, no ano de 586 a. C, o Beth Hamikdash – o Primeiro Templo. Contudo, e de modo persistente, apesar de o topónimo Sefarad ter surgido no profeta Abdias, versículo 20, na era do supramencionado rei da Babilónia, peritos da História trazem à luz de facto que a existência judaica em Portugal terá, sim, acontecido, mas posteriormente à destruição do Segundo Templo sagrado pelo imperador romano Tito, no decorrer do ano 70 d. C.

Imune à divergência de juízos sobre o momento da sedentarização, está o consenso sobre o caminho que precede a formação da nacionalidade.

No século XII, em Portugal, os judeus conheceram o clima de relativa tolerância, seriam, mais tarde, protegidos pelos primordiais soberanos de Portugal até ao Édito de Expulsão, perseguidos como cristãos-novos, no Continente, depois no Brasil ou na Índia, conforme o extenso galho da Inquisição alcançava, e regressariam nos exórdios do século XIX a convite do sensato marquês de Pombal. Nesta expedição biográfica, estendida entre o século XV e o século XX, renascem, em textos elaborados com entusiasta investigação e critério escrupuloso, catorze ilustres judeus portugueses cujo esplendoroso conhecimento enriqueceu, dignificou e honrou o país na foz do mundo e marcou terminantemente o universo histórico-nacional e além-fronteiras. As áreas pelas quais se distinguiram os notáveis eruditos multiplicam-se em diversas frentes: da Medicina à Filosofia, da Ciência ao sector pioneiro empresarial, da Poesia litúrgica a autoridades rabínicas, da Música à Matemática, da Literatura à liderança comunitária. Falamos, igualmente, de humanistas, homens de intrepidez excepcional, seres corajosos que optaram por actuar com as mãos arregaçadas ao serviço do próximo, colocando as suas próprias vidas em risco e em derradeiro plano. Nem todas as mentes reluzentes reanimadas neste volume puderam ver as suas obras e feitos a cintilar em Portugal. O célebre e grandioso médico Amato Lusitano, a destemida empresária Dona Grácia Naci, o famoso naturalista Garcia de Orta, o esculápio e pensador Isaac Cardoso, agrupam-se naqueles que sentiram, ou pressentiram, as consequências do decreto assinado por D. Manuel I, em 1496, na vila de Muge, que viria a ser transformado em baptismo forçado no ano imediato. A situação dos judeus deteriorava-se a galope; não obstante as espinhosas tentativas do intransigente monarca D. João III, a Inquisição acabou por ser cravada em 1536, o que estimulou o aniquilamento metódico do Judaísmo em Portugal. Para escapar desse exterminio, os pais de Isaac Aboab da Fonseca levaram-no para o exílio na Holanda, onde se tornou insigne rabino-poeta e edificou a imponente Sinagoga Portuguesa em Amesterdão.

Seriam necessários cerca de cinco séculos para que os descendentes destes judeus sefarditas, outrora forçados ao desterro, vissem a justiça restituída, quando, finalmente, a Assembleia da República aprovou por unanimidade, a 12 de Abril de 2013, o projecto de lei que prevê a reatribuição da nacionalidade portuguesa por naturalização aos descendentes de judeus sefarditas portugueses que demonstrem «tradição de pertença

a uma comunidade sefardita de origem portuguesa, com base em requisitos objectivos comprovados de ligação a Portugal, designadamente apelidos, idioma familiar, descendência directa ou colateral». O intelectual Sam Levy, no romper dos anos 40, chegou, aliás retornou, a Lisboa e é provável que tenha sido o mais antigo sefardita a readquirir a cidadania dos seus antepassados. Intocável da ferocidade inquisitorial, inexplicavelmente, permaneceu o maior cientista que houve em Portugal, Pedro Nunes, ao contrário dos seus netos, Matias Pereira e Pedro Nunes Pereira que, 45 anos após a morte do magnífico matemático, acabaram por ser denunciados, detidos, interrogados e condenados pelo Santo Ofício, sob a acusação de serem judaizantes. A debilidade da Inquisição e a sua extinção formal anunciada numa sessão nas Cortes Gerais, a 31 de Março de 1821, trouxe de volta a presença judaica que fora, por duzentos e oitenta e cinco anos, silenciada e ameaçada pela fogueira. Dizemos presença judaica, porque o fogo nunca derreteu a linfa do Judaísmo; a conversão imposta alvejara brutalmente uma imensa e ditosa comunidade na ilicitude e, no sigilo, na suspeita e no pavor, mas não teve capacidade para a extinguir. Apesar da vil perseguição, muitos daqueles que não conseguiram fugir para outras terras, ou optaram por ficar, conservaram ocultamente a identidade religiosa. Logo no raiar do primeiro quartel do século XIX, grupos de judeus, com um grau de instrução soberbo, oriundos maioritariamente de Gibraltar e de Marrocos, instalaram-se em Lisboa, nos Açores e em Faro. Dominavam na perfeição o hebraico, o inglês ou o árabe e a haquitia, o maravilhoso dialecto judaico-hispano-marroquino. A sua veloz prosperidade económica e cultural explica-se pelos copiosos contactos no estrangeiro, que não se restringiam somente às acções comerciais como também aos vínculos familiares dispersados pela Europa e pelas Américas. Os seus herdeiros coloririam a nação que, de novo, os admitia, com saber eminente. Referimo-nos ao fundador e primeiríssimo director do Instituto Superior Técnico, em Lisboa, o micalense Alfredo Bensaúde. A sua filha, Matilde Bensaúde, pioneira da investigação biológica, destaca-se por ter sido a única mulher entre os criadores da Sociedade Portuguesa de Biologia. À mesma família pertenceu Alain Oulman, o compositor que revolucionou o fado, e que teve como principal divulgadora desse seu infindo talento a voz de Amália. Não era dado a revoluções o catedrático Moses Amzalak, o longuíssimo líder da comunidade israelita de Lisboa, que aproveitou a sua

proximidade com o ditador Salazar para realizar as operações das organizações de socorro aos refugiados do Holocausto. Sediados em Barcelona, os farenses Samuel Sequerra e Joel Sequerra salvaram indiscriminadamente cerca de mil foragidos da malvadez nazi, que esgrimiam a sentença de morte atravessando os Pirenéus. Nos dois meses que precederam o desembarque na Normandia, aportava em Lisboa o jovem Abraham Assor, meu amado pai, que iria ser, por cinquenta anos, o rabino da comunidade israelita de Lisboa. Fez-se português, fez raízes, amizades ecuménicas e um caminho que, de feição perpétua, haveria de ser reverenciado.

Como aprendizagem de infinidade, ou um ensaio de disciplina, o Talmude sugere-nos que recriemos em acções uma pequeníssima parcela da criação. Os livros, que fazem parte dessa miraculosa construção, resumem a arquitectura reinventada em caracteres. Decifrar documentos centenários, ler obras sublimes, reviver trajectórias guiadas, tantas e tantas vezes, pelo destino e perseverança de fé, antecedem a melhor e a mais dolorosa etapa: a escrita. Depois, a produção literária pertence a quem o tempo de severa inquirição e de emocionante viagem temporal é dedicado: o leitor.

Miriam Assor

Isaac Aboab da Fonseca
«O RABINO-POETA DE AMESTERDÃO»

A liberdade religiosa inexistente em Portugal nos anos inquisitoriais conduziu-o ao exílio na tolerante Holanda, onde aflorou a sua sabedoria. Poeta de escrita pungente, cabalista erudito e pregador de excelência, durante os 24 anos em que os holandeses ocuparam o Nordeste do Brasil, liderou uma congregação modelar. O primeiro rabino no Novo Mundo seria o último judeu a sair de Recife aquando da reconquista portuguesa. No regresso a Amesterdão, o seu nome entraria na biografia da comunidade judaica para todo o sempre.

A pedra vive acima do tempo. É com essa tinta de eternidade que o apelido do fundador, engenhosamente entrelaçado na passagem do versículo 5 do salmo 8, e cinzelado em caracteres em hebraico, ficou perpetuado no friso acima do pórtico da Grande Sinagoga Portuguesa de Amesterdão: «Bishenat va'ani berob chasdecha abo beetécha lif'k»; «Na abundância da Tua bondade eu vou entrar em tua casa (casa de Aboab)». Tal esplendor exprime o reconhecimento da comunidade judaica a Isaac Aboab da Fonseca, que foi o mentor da inaudita ideia de construir um espaço de culto novo e mais espaçoso, capaz de dignificar os 3000 fiéis provenientes, na sua maioria, da Península Ibérica, e quem insistiu que a anterior sinagoga situada em Houtgracht tornara-se demasiada exigua para uma congregação de aspirações enormes. Proferiu, a 23 de Novembro de 1670, um sermão tão inspirador e de tamanho entusiasmo, que a